

ENSAIO TEÓRICO: BRICOLAGEM SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EM EMPRESAS SOCIAIS DE SAÚDE

Theoretical Essay: Social Bricolage and Digital Transformation in Social Health Enterprises

ELIZABETE CASIMIRA ENOBE

UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

EDMILSON DE OLIVEIRA LIMA

UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

Comunicação:

O XII SINGEP foi realizado em conjunto com a 12th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com o Casablanca Climate Leadership Forum (CCLF 2024), em formato híbrido, com sede presencial na ESCA Ecole de Management, no Marrocos.

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecimentos ao Fundo de Apoio à Pesquisa - FAP UNINOVE e CAPES

ENSAIO TEÓRICO: BRICOLAGEM SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EM EMPRESAS SOCIAIS DE SAÚDE

Objetivo do estudo

O estudo visa tecer reflexões sobre a aplicação conjunta da bricolagem social e da transformação digital em empresas sociais de saúde, com o objetivo de trazer luz sobre o tema como forma de fortalecer a criação de valor social nelas.

Relevância/originalidade

O ensaio apresenta relevância ao abordar a combinação da bricolagem social e da transformação digital em empresas sociais de saúde, um tema emergente e pouco explorado na literatura, com potencial para gerar impacto social positivo.

Metodologia/abordagem

O estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na seleção e análise crítica de artigos relevantes sobre bricolagem social, transformação digital e empresas sociais de saúde, buscando reflexão e compreensão teórica sobre a interação desses conceitos e os valores que podem gerar.

Principais resultados

O estudo propõe que a combinação da bricolagem social e da transformação digital pode auxiliar as empresas sociais de saúde na ampliação do acesso à saúde, na melhora da qualidade do atendimento, na otimização dos processos e redução de custos.

Contribuições teóricas/metodológicas

O estudo contribui para a literatura ao investigar a combinação da bricolagem social e da transformação digital em empresas sociais de saúde, um tema emergente e pouco explorado, oferecendo insights sobre como essas estratégias podem ser integradas para gerar impacto social.

Contribuições sociais/para a gestão

O estudo oferece insights para gestores de empresas sociais de saúde sobre o uso estratégico da tecnologia e da bricolagem social para superar barreiras e ampliar o impacto social, além de evidenciar a importância do apoio governamental à transformação digital nesse setor.

Palavras-chave: Bricolagem social, empresa social de saúde, transformação digital

Theoretical Essay: Social Bricolage and Digital Transformation in Social Health Enterprises

Study purpose

The study aims to reflect on the joint application of social bricolage and digital transformation in social health enterprises, with the objective of shedding light on the subject as a way to strengthen the creation of social value in them.

Relevance / originality

The essay presents relevance by addressing the combination of social bricolage and digital transformation in social health enterprises, an emerging and little explored theme in the literature, with the potential to generate a positive social impact.

Methodology / approach

The study adopts a qualitative approach, based on the selection and critical analysis of relevant articles on social bricolage, digital transformation and social health enterprises, seeking reflection and theoretical understanding on the interaction of these concepts and the values they can generate.

Main results

The study proposes that the combination of social bricolage and digital transformation can help social health enterprises in expanding access to health, improving the quality of care, and optimizing processes and reducing costs.

Theoretical / methodological contributions

The study contributes to the literature by investigating the combination of social bricolage and digital transformation in social health enterprises, an emerging and little explored theme, offering insights on how these strategies can be integrated to generate social impact.

Social / management contributions

The study offers insights to managers of social health enterprises on the strategic use of technology and social bricolage to overcome barriers and expand social impact, in addition to highlighting the importance of government support for digital transformation in this sector.

Keywords: Social Bricolage, Social Health Enterprises, Digital Transformation

ENSAIO TEÓRICO: BRICOLAGEM SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EM EMPRESAS SOCIAIS DE SAÚDE

1 Introdução

Nos últimos anos, a busca por soluções inovadoras e sustentáveis para desafios financeiros no setor de saúde tem levado ao crescente interesse por abordagens não convencionais no empreendedorismo, como a bricolagem social e a transformação digital. A bricolagem social (BS) envolve o uso criativo e a recombinação de recursos disponíveis, ainda que escassos e pouco adequados, para se criar valor social, ou seja, resolver problemas sociais. A bricolagem social auxilia o empreendedorismo social com suas seis componentes: virar-se com o que se tem à disposição, rejeição de limitações, criação de valor social, improvisação, persuasão e participação de stakeholders (Di Domenico et al., 2010). Outra característica marcante da bricolagem é o uso de soluções que, embora não sejam ideais ou ótimas, permitem a implementação de respostas necessárias com recursos limitados ou inadequados (Baker e Nelson, 2005).

Há um consenso de que a transformação digital dos serviços de saúde com a utilização ampla da tecnologia de informação em saúde (HIT), em conjunto com outras mudanças complementares, pode reduzir custos e melhorar a qualidade na saúde, ainda que persistam desafios importantes (Agarwal et al. 2010). A transformação digital está promovendo avanços significativos na qualidade e na acessibilidade dos cuidados de saúde, evidenciada pela adoção crescente de registros eletrônicos de saúde, telemedicina e plataformas de gestão, oferecendo uma abordagem mais eficiente e centrada no paciente (Agarwal, Gao, DesRoches, & Jha, 2010; Gopal, Suter-Crazzolaro, Toldo, & Eberhardt, 2019).

Em meio às possíveis respostas para os problemas de saúde enfrentados pela população, estão as empresas sociais de saúde. Atualmente as empresas sociais são reconhecidas como importantes instrumentos para melhorar a qualidade de vida das populações menos favorecidas e promover a inclusão desses grupos no mercado consumidor (Duque, 2007). Embora sejam empresas, e portanto têm fins lucrativos, as empresas sociais têm como foco principal a criação de valor social, ainda que isso frequentemente diminua seus lucros. A denominação "empresa social" reflete essa orientação para o bem-estar social, combinando a geração de lucro com a criação de valor social (Di Domenico et al., 2010).

Uma característica marcante das empresas sociais é sua atuação em comunidades com acesso restrito a recursos, frequentemente atuando em resposta à carência de instalações e serviços de saúde nessas áreas. Essas restrições impulsionam os empreendedores sociais a encontrar maneiras inovadoras de utilizar os recursos disponíveis e a buscar novos meios para alcançar a sustentabilidade financeira e gerar impacto social positivo (Di Domenico et al., 2010). Essa descrição se mostra aderente aos princípios da bricolagem social e da transformação digital, que juntos podem fornecer soluções inovadoras e eficazes para se enfrentarem as limitações de recursos e melhorar a prestação de serviços de saúde.

Este estudo visa tecer reflexões sobre a aplicação da bricolagem social e da transformação digital de forma conjunta nas empresas sociais de saúde para maximizar a criação de valor social. A questão de pesquisa que guia este ensaio teórico é: como a combinação de bricolagem social com transformação digital pode ajudar as empresas sociais de saúde a criarem valor social? Ao investigar essa questão, o estudo busca trazer proposições para o uso estratégico da tecnologia e da bricolagem social de modo a ajudarem as empresas sociais de saúde a superarem barreiras econômicas e operacionais.

O estudo poderá fornecer insights valiosos para pesquisadores, gestores e formuladores de políticas, destacando caminhos para melhor operacionalização e ampliação da oferta de

serviços no setor de saúde. Logo, o estudo não só contribui para a literatura acadêmica sobre bricolagem social e transformação digital, mas também oferece reflexões para a implementação prática dessas abordagens em contextos de saúde, potencializando o impacto social e a eficiência operacional dessas organizações.

2 Referencial teórico

2.1 Bricolagem e Bricolagem Social

Ao longo dos anos inúmeros empreendedores iniciam suas empresas utilizando recursos que, à primeira vista, parecem insuficientes ou inadequados. A literatura define o conceito de bricolagem (ou "virar-se com o que se tem") como uma resposta do empreendedor às restrições de recursos, argumentando que, se essas restrições fossem raras ou facilmente superadas a bricolagem teria menor importância (Baker e Nelson, 2003). Assim, a bricolagem é vista como uma forma de superar limitações e resolver problemas por meio da recombinação de recursos. Ela possibilita a criação de novos caminhos para atrair e utilizar recursos relevantes, atendendo a mercados deficitários e oferecendo produtos ou serviços adaptados (Janssen et al., 2018).

Baker e Nelson (2005) fundamentam seu conceito de bricolagem no trabalho inicial de Lévi-Strauss (1967), que descreve como a utilização de recursos disponíveis para resolver problemas em pequenas empresas, explorando insumos físicos, sociais ou institucionais que foram rejeitados ou ignorados por outras empresas. Segundo Baker e Nelson (2005), Lévi-Strauss não apresentou uma definição específica de bricolagem, mas, com base em estudos subsequentes, desenvolveu-se uma definição integrativa: a bricolagem consiste em adaptar os recursos disponíveis para enfrentar novos problemas e oportunidades.

No modelo de processo de bricolagem de Baker e Nelson (2005), as empresas têm três opções principais quando enfrentam um ambiente de restrições: (1) buscar recursos externos para novos desafios; (2) evitar ou reduzir esses desafios; ou (3) usar uma bricolagem para adaptar os recursos disponíveis a novos problemas e oportunidades. Empresas que empregam bricolagem geralmente criam algo a partir de recursos limitados, superando limitações. Dessa forma, comportamentos e habilidades, como criatividade, competências sociais e de rede, emergem da necessidade de superar restrições, resultando muitas vezes em crescimento.

Di Domenico et al. (2010) adaptaram o conceito de bricolagem para o empreendedorismo social e identificaram três características fundamentais da bricolagem social: (1) virar-se com o que se tem, (2) recusa em se limitar por restrições e (3) improvisação. Eles destacam que a primeira referência à bricolagem em contextos sociais foi feita por Johannisson e Olaison (2007), que a ligaram à economia social, empreendedorismo e capital social, como uma forma de resposta a necessidades emergentes e ação coletiva.

Di Domenico et al. (2010) ampliaram a compreensão da bricolagem social, adicionando novas construções ao conceito original e aplicando-o ao estudo das empresas sociais. Embora a bricolagem social seja reconhecida como um conceito independente, ela ainda requer mais pesquisa para explorar suas aplicações, sendo um tema emergente (Janssen et al., 2018).

Além dos estudos de Di Domenico et al. (2010), Servantie e Rispoli (2018) destacam que a bricolagem social se concentra em atender necessidades não satisfeitas das comunidades, gerando valor social. Eles enfatizaram o papel das partes interessadas no processo de desenvolvimento de soluções inovadoras, sugerindo que a bricolagem em rede integra processos de empreendedorismo e tomada de decisão.

Bojica et al. (2018) abordam como a bricolagem social pode criar novas oportunidades de crescimento organizacional, superando restrições e promoção de renovação e inovação. Janssen et al. (2018) discutem como a improvisação e a adaptação contínua permitem que uma empresa se desenvolva sem rotinas condicionais, utilizando conhecimentos e experiências passadas para criar valor social. A participação das partes interessadas é crucial para alcançar

maior coesão comunitária, responsabilidade e colaboração (Nelson e Lima, 2020). Empreendedores sociais frequentemente utilizam técnicas de persuasão para envolver partes interessadas e obter os recursos necessários (Di Domenico et al., 2010; Nelson e Lima, 2020).

Empresas sociais são vistas como soluções para problemas sociais em contextos de recessão e deficiências, com a bricolagem frequentemente sendo a estratégia usada para superar essas dificuldades (Di Domenico et al., 2010). Essas respostas são entendidas como formas de ampliar o catálogo de soluções da empresa social e integrar a missão social com comportamentos de bricolagem para promover o progresso organizacional (Janssen et al., 2018).

Para o futuro, a bricolagem está associada à inovação social, definida como ações coletivas que abordam necessidades sociais e melhoram as relações humanas e a qualidade de vida (Janssen et al., 2018). As características da inovação social incluem o ativismo voluntário e a participação ativa dos stakeholders, sendo a bricolagem social uma forma de promover a ação social e enfrentar crises de recursos (Nelson e Lima, 2020).

2.2 Transformação Digital

A transformação digital (TD) é um processo abrangente e complexo que vai além da simples adoção de tecnologias digitais, representando uma mudança fundamental na forma como as empresas operam, competem e criam valor (Nadkarni & Prügl, 2020; Vial, 2019; Hanelt et al., 2020). Essa mudança impacta profundamente a estratégia, a cultura organizacional e as capacidades das empresas, exigindo adaptação e inovação contínuas em resposta às novas realidades digitais.

No cerne da TD estão as tecnologias digitais, como a inteligência artificial (IA), a Internet das Coisas (IoT), a big data e a computação em nuvem, que estão redefinindo as fronteiras dos setores e criando novas oportunidades e desafios para as empresas (Gopal et al., 2019; Verhoef et al., 2019). Essas tecnologias permitem a coleta e análise de grandes volumes de dados, a automação de processos, a personalização de produtos e serviços e a criação de novos modelos de negócios baseados em plataformas digitais e ecossistemas (Nadkarni & Prügl, 2020).

A TD se desdobra em três fases principais: a digitalização, que consiste na conversão de informações analógicas em formato digital; a digitalização, que se refere ao uso de tecnologias digitais para otimizar processos de negócios existentes; e a transformação digital propriamente dita, a fase mais avançada e disruptiva, caracterizada pelo desenvolvimento de novos modelos de negócios e pela criação de novas formas de gerar valor (Verhoef et al., 2019).

Essa transformação impacta o comportamento do consumidor, tornando-o mais conectado, informado e empoderado, e exigindo das empresas um alto nível de personalização e conveniência (Verhoef et al., 2017). Além disso, a TD está disruptando o cenário competitivo, reduzindo barreiras de entrada, intensificando a concorrência global e impulsionando a criação de novos modelos de negócios baseados em plataformas digitais e ecossistemas (Verhoef et al., 2019).

Para navegar com sucesso nesse novo cenário, as empresas precisam adotar estratégias de crescimento adequadas, como a penetração de mercado, o desenvolvimento de produtos, o desenvolvimento de mercado e a diversificação, muitas vezes por meio do uso de plataformas digitais (Ansoff, 1957; Verhoef et al., 2019). Além disso, a TD exige mudanças organizacionais profundas, incluindo a adoção de estruturas mais flexíveis e ágeis, o desenvolvimento de novas capacidades digitais e a promoção de uma cultura de inovação e aprendizado contínuo (Hanelt et al., 2020).

A TD tem o potencial de gerar impactos positivos significativos, como melhorias na eficiência operacional, no desempenho financeiro, na inovação e na vantagem competitiva,

além de benefícios para a sociedade como um todo (Agarwal et al., 2010; Verhoef et al., 2019). No entanto, também apresenta desafios importantes, como a necessidade de lidar com questões éticas relacionadas à coleta e ao uso de dados, garantir a segurança e a privacidade das informações e gerenciar a resistência à mudança (Newell & Marabelli, 2015).

Em suma, a transformação digital é um processo complexo e multifacetado que exige das empresas uma abordagem estratégica e abrangente. Ao abraçar as oportunidades oferecidas pelas tecnologias digitais e adotar as mudanças necessárias em sua estratégia, estrutura e cultura, as empresas podem prosperar na era digital e criar valor sustentável para si mesmas e para a sociedade. No entanto, é fundamental que as empresas também reconheçam e lidem com os desafios da TD, garantindo que suas ações sejam éticas e responsáveis. A pesquisa em TD continua a evoluir, e novas questões e desafios surgem à medida que as tecnologias digitais avançam e se integram ainda mais em nossas vidas, demandando uma reflexão constante e um esforço contínuo de adaptação e inovação por parte das empresas.

2.3 Empresas Sociais e Saúde Pública

2.3.1 O Conceito de Empresa Social

O termo "empresa social" representa um modelo de negócio híbrido que se destaca por sua missão social, buscando gerar impacto positivo na sociedade ao mesmo tempo em que mantém a sustentabilidade financeira (Defourny & Nyssens, 2010; Duque, 2007; França Filho et al., 2020; Gopal et al., 2010). Embora compartilhem a busca por lucro com as empresas tradicionais, as empresas sociais se diferenciam por priorizar o impacto social positivo, muitas vezes colocando-o acima da maximização dos ganhos financeiros (Di Domenico et al., 2010).

Essa concepção de empresa social, no entanto, não é homogênea e varia de acordo com o contexto político, cultural, histórico e geográfico em que estão inseridas (Roy et al., 2017). Nos Estados Unidos, por exemplo, o conceito se relaciona a organizações sem fins lucrativos com missões sociais que passaram a desenvolver atividades comerciais para garantir sua sustentabilidade financeira (Kerlin, 2006). Já na Europa, as empresas sociais surgiram como resposta à crise econômica e à falta de políticas públicas adequadas, atuando em áreas como saúde, educação e assistência social (Defourny & Nyssens, 2010; Galera & Borzaga, 2009).

No contexto brasileiro, as empresas sociais são concebidas como um tipo específico de negócio social que se utiliza de mecanismos de mercado para solucionar problemas sociais, operando sob as mesmas regras comerciais de outras empresas, mas com o lucro como um meio para alcançar seus objetivos sociais, como a redução da pobreza e da desigualdade (França Filho et al., 2020).

2.3.2 Empresas Sociais de Saúde

Dentro do setor da saúde, as empresas sociais de saúde emergem como uma resposta à crescente lacuna entre a demanda por serviços de saúde de qualidade e a capacidade do sistema público de saúde em atendê-la de forma integral e equitativa (Agarwal et al., 2010).

Elas se dedicam a suprir as necessidades de saúde de populações vulneráveis, muitas vezes atuando em áreas com acesso restrito a serviços de qualidade, como regiões remotas, comunidades de baixa renda ou grupos marginalizados, onde o sistema público de saúde pode apresentar dificuldades em alcançar ou oferecer serviços adequados (Di Domenico et al., 2010). Essa realidade é ainda mais evidente em países como o Brasil, onde o sistema público de saúde, apesar de seus princípios de universalidade e equidade, enfrenta desafios como o subfinanciamento e a desigualdade no acesso aos serviços, conforme apontado por Carvalho (2013) e dados do IBGE (2010). O subfinanciamento crônico e as limitações estruturais do sistema público muitas vezes resultam em longas filas de espera, falta de profissionais e

recursos e dificuldade em atender a demanda crescente por serviços de saúde, especialmente em áreas mais remotas ou com maior concentração de população de baixa renda.

Além de suprir a demanda reprimida por serviços de saúde, as empresas sociais de saúde também se destacam por sua capacidade de inovação e de responder às necessidades específicas da população, muitas vezes negligenciadas pelo setor público ou inacessíveis no setor privado devido aos altos custos (Calò et al., 2018; Roy et al., 2013). A necessidade de equilibrar a missão social com a sustentabilidade financeira impulsiona essas empresas a buscar soluções criativas e eficientes, que muitas vezes não são priorizadas em modelos tradicionais de prestação de serviços de saúde. Essa capacidade de inovação permite que as empresas sociais de saúde desenvolvam abordagens personalizadas e adaptadas às necessidades específicas das comunidades em que atuam, preenchendo lacunas e oferecendo alternativas para aqueles que não encontram no sistema público ou privado uma resposta adequada às suas demandas de saúde.

No contexto brasileiro, a relevância das empresas sociais de saúde como provedoras de serviços complementares ao SUS é inegável. O censo do IBGE (2010) revela que uma parcela considerável da população ainda enfrenta barreiras no acesso à saúde, seja pela falta de infraestrutura adequada, longas filas de espera ou dificuldades financeiras para arcar com os custos de serviços privados. Diante da insuficiência do sistema público e dos altos custos do sistema privado, as empresas sociais de saúde surgem como uma alternativa para democratizar o acesso à saúde, oferecendo serviços de qualidade a preços acessíveis e contribuindo para a redução das desigualdades no setor (Souza & Costa, 2010).

Apesar de seu importante papel social, as empresas sociais de saúde enfrentam desafios significativos em sua atuação. A captação de recursos, a gestão de talentos, a concorrência com o setor público e privado e a necessidade de inovar constantemente são alguns dos obstáculos que precisam ser superados para garantir sua sustentabilidade e seu impacto social (Gopal et al., 2019). No entanto, o crescimento do mercado de saúde, impulsionado pelo envelhecimento da população e pelo aumento da prevalência de doenças crônicas, aliado à crescente demanda por serviços de qualidade, oferece um cenário de oportunidades promissoras para o desenvolvimento e a expansão dessas empresas.

Por fim, as empresas sociais de saúde representam um modelo de negócio com grande potencial para promover a saúde pública e o bem-estar social, especialmente em um contexto de desafios crescentes no setor. Ao combinar sua missão social com a busca pela sustentabilidade financeira e ao adotar estratégias inovadoras, como a bricolagem social e a transformação digital, essas empresas podem desempenhar um papel importante na construção de um sistema de saúde mais equitativo, acessível e eficiente, garantindo o acesso a serviços de qualidade para todos e contribuindo para o desenvolvimento social.

2.4 Bricolagem Social e Transformação Digital nas Empresas Sociais de Saúde

A essência das empresas sociais de saúde reside na sua missão de gerar impacto social positivo, suprimindo lacunas no acesso à saúde e oferecendo serviços de qualidade a populações vulneráveis, frequentemente em contextos de recursos limitados. Essa característica intrínseca se alinha perfeitamente com o conceito de bricolagem social, que preconiza o uso criativo e inovador de recursos disponíveis para superar desafios e gerar valor social (Baker & Nelson, 2005; Di Domenico et al., 2010). A transformação digital, por sua vez, oferece um conjunto de ferramentas e recursos que podem potencializar as práticas de bricolagem social, impulsionando a inovação e ampliando o alcance e o impacto dessas empresas.

A transformação digital possibilita que as empresas sociais de saúde utilizem tecnologias como a telemedicina, plataformas digitais e ferramentas de gestão para otimizar seus processos, ampliar o acesso aos serviços e melhorar a qualidade do atendimento, mesmo em contextos de recursos escassos (Agarwal et al., 2010; Gopal et al., 2019). A capacidade de

coletar e analisar dados, automatizar processos e personalizar o atendimento ao paciente permite que essas empresas superem barreiras e ofereçam soluções mais eficientes e eficazes para os desafios de saúde enfrentados pela população.

Além disso, a transformação digital se conecta com a bricolagem social ao fortalecer a participação dos stakeholders no processo de desenvolvimento e implementação de soluções de saúde. Plataformas online, ferramentas de comunicação digital e redes sociais permitem que as empresas sociais de saúde envolvam a comunidade, os pacientes e outros atores relevantes na co-criação de valor e no empoderamento dos indivíduos, promovendo um modelo de gestão mais participativo e inclusivo (Phillimore et al., 2019; Servantie & Rispal, 2018).

Outro ponto de convergência entre esses conceitos reside na capacidade da transformação digital de auxiliar as empresas sociais de saúde a superar desafios como a captação de recursos e a gestão de talentos. Plataformas de crowdfunding, ferramentas de gestão de recursos humanos online e redes sociais podem ser utilizadas para atrair investimentos, recrutar profissionais qualificados e fortalecer a comunicação e o engajamento com a comunidade, mesmo em contextos de recursos limitados.

No entanto, a implementação da transformação digital em empresas sociais de saúde também apresenta desafios, como a necessidade de investimentos em infraestrutura e capacitação, a garantia da segurança dos dados e a superação da resistência à mudança por parte dos profissionais de saúde (Agarwal et al., 2010; Gopal et al., 2019). A bricolagem social, com sua ênfase na adaptação e na improvisação, pode ser fundamental para que essas empresas superem esses desafios, encontrando soluções criativas e eficientes para integrar as tecnologias digitais em seus processos e em sua cultura organizacional.

Em conclusão, a combinação da bricolagem social e da transformação digital representa uma poderosa ferramenta para as empresas sociais de saúde enfrentarem os desafios do setor e maximizarem seu impacto social. Ao adotar uma abordagem estratégica e inovadora, essas empresas podem utilizar as tecnologias digitais para ampliar o acesso à saúde, melhorar a qualidade do atendimento e promover o bem-estar da população, especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais equitativo, acessível e eficiente.

3 Métodos

O presente ensaio teórico se estrutura a partir de uma abordagem qualitativa, que busca aprofundar a compreensão teórica sobre a interação entre bricolagem social, transformação digital e empresas sociais de saúde. A pesquisa se fundamenta em uma seleção criteriosa de artigos relevantes da literatura, identificados por meio de buscas nas bases de dados Web of Science e Scopus, utilizando combinações de palavras-chave que refletem os conceitos-chave do estudo (Meneghetti, 2011).

Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise crítica e interpretativa, buscando identificar os principais conceitos, teorias e evidências empíricas que sustentam a discussão sobre a bricolagem social e a transformação digital no contexto das empresas sociais de saúde. A partir dessa análise, buscou-se estabelecer conexões e relações entre os conceitos, evidenciando as sinergias e os desafios da combinação dessas abordagens no contexto específico das empresas sociais de saúde.

A escolha por uma abordagem qualitativa se justifica pela natureza exploratória e interpretativa da pesquisa, que visa aprofundar a compreensão teórica sobre um tema emergente e multifacetado (Yin, 2014). O ensaio teórico permite uma maior flexibilidade na análise e na construção de argumentos, possibilitando a incorporação de diferentes perspectivas e a formulação de proposições inovadoras (Meneghetti, 2011).

Embora a pesquisa não tenha seguido os rigorosos critérios de uma revisão sistemática da literatura, a seleção criteriosa dos artigos e a análise crítica e interpretativa garantem a qualidade e a relevância do referencial teórico construído (Cooper, 1988). A busca por artigos em bases de dados renomadas como Web of Science e Scopus, aliada à seleção de trabalhos com base em sua pertinência e solidez teórica, assegura que a discussão se apoia em evidências científicas e em contribuições relevantes para o campo de estudo.

O método adotado permite, portanto, uma exploração aprofundada e reflexiva do tema, abrindo espaço para a construção de um diálogo crítico com a literatura existente e para a formulação de proposições originais e relevantes para o campo da bricolagem social, da transformação digital e das empresas sociais de saúde.

4 Análise e discussões

A partir da análise do referencial teórico, é possível identificar diversos mecanismos pelos quais a combinação da bricolagem social e da transformação digital pode impulsionar o impacto das empresas sociais de saúde. A bricolagem social, com sua ênfase na criatividade, na adaptação e no uso eficiente de recursos, encontra na transformação digital um poderoso aliado para superar as barreiras inerentes ao contexto de escassez em que essas empresas operam. As tecnologias digitais, por sua vez, podem ser utilizadas de forma estratégica para potencializar as práticas de bricolagem social, permitindo que as empresas sociais de saúde alcancem um público mais amplo e ofereçam serviços de maior qualidade.

Com base na análise da literatura e nas reflexões apresentadas, propõe-se que a combinação da bricolagem social e da transformação digital pode auxiliar as empresas sociais de saúde por meio dos seguintes mecanismos:

- Ampliação do acesso à saúde: A transformação digital, por meio de tecnologias como a telemedicina e plataformas de saúde online, pode permitir que as empresas sociais de saúde alcancem populações em áreas remotas ou com acesso limitado a serviços de saúde, superando barreiras geográficas e financeiras. A telemedicina, por exemplo, possibilita consultas e diagnósticos à distância, enquanto plataformas online podem oferecer informações e recursos de saúde para comunidades carentes, democratizando o acesso ao conhecimento e empoderando os indivíduos a tomarem decisões mais informadas sobre sua saúde (Agarwal et al., 2010).
- Melhora da qualidade do atendimento: O uso de tecnologias digitais, como registros eletrônicos de saúde e ferramentas de análise de dados, pode auxiliar as empresas sociais de saúde a aprimorarem a gestão de informações, personalizar o atendimento ao paciente e tomar decisões mais eficazes, resultando em uma maior qualidade do cuidado oferecido. A coleta e análise de dados permitem a identificação de padrões e tendências, possibilitando intervenções mais precisas e personalizadas, enquanto os registros eletrônicos de saúde facilitam o compartilhamento de informações entre profissionais e a continuidade do cuidado (Gopal et al., 2019).
- Otimização dos processos e redução de custos: A digitalização de processos e a automação de tarefas podem aumentar a eficiência operacional das empresas sociais de saúde, reduzindo custos e permitindo que os recursos sejam direcionados para áreas prioritárias, como o atendimento direto ao paciente. A automatização de tarefas administrativas, por exemplo, libera tempo dos profissionais de saúde para se dedicarem ao cuidado dos pacientes, enquanto a gestão eficiente de estoques e recursos por meio de sistemas digitais evita desperdícios e reduz custos operacionais.
- Fortalecimento da participação dos stakeholders: Plataformas digitais e ferramentas de comunicação online podem ser utilizadas para promover a participação ativa da comunidade,

dos pacientes e de outros atores relevantes na gestão e no desenvolvimento de soluções de saúde, fomentando a co-criação de valor e o empoderamento dos indivíduos. A participação dos stakeholders é um elemento central da bricolagem social (Nelson & Lima, 2020), e a transformação digital oferece novas ferramentas para ampliar essa participação, tornando o processo mais transparente, inclusivo e colaborativo (Phillimore et al., 2019; Servantie & Rispal, 2018).

- Inovação e desenvolvimento de novos modelos de negócio: A transformação digital pode impulsionar a inovação nas empresas sociais de saúde, permitindo o desenvolvimento de novos modelos de negócio, produtos e serviços que atendam às necessidades específicas da população e gerem impacto social positivo. A capacidade de coletar e analisar dados, aliada à conectividade e à colaboração proporcionadas pelas tecnologias digitais, abre um leque de possibilidades para a criação de soluções inovadoras e disruptivas no setor de saúde, permitindo que as empresas sociais de saúde explorem novas formas de gerar valor e atender às necessidades da população de maneira mais eficiente e eficaz (Nadkarni & Prügl, 2020; Verhoef et al., 2019).

Tais proposições podem trazer contribuições significativas para o seguinte público:

- Pesquisadores: O estudo contribui para o avanço do conhecimento sobre a interação entre bricolagem social e transformação digital no contexto da saúde, abrindo novas perspectivas de pesquisa e incentivando a investigação empírica sobre os mecanismos e os impactos dessa combinação.

- Gestores de empresas sociais de saúde: As proposições oferecem insights valiosos para a gestão estratégica dessas organizações, destacando o potencial da transformação digital para superar desafios, ampliar o impacto social e promover a sustentabilidade financeira.

- Formuladores de políticas: O estudo evidencia a importância de políticas públicas que incentivem e apoiem a adoção da transformação digital por empresas sociais de saúde, reconhecendo seu papel crucial na promoção da saúde pública e no acesso a serviços de qualidade para populações vulneráveis.

- Profissionais de saúde: A transformação digital pode trazer novas oportunidades e desafios para os profissionais de saúde que atuam em empresas sociais. É fundamental que esses profissionais estejam preparados para utilizar as tecnologias digitais de forma ética e responsável, colocando o paciente no centro do cuidado e buscando sempre a melhoria da qualidade do atendimento.

- Comunidade e pacientes: A transformação digital pode empoderar a comunidade e os pacientes, oferecendo acesso a informações de saúde, ferramentas de comunicação e participação na gestão dos serviços. É importante que esses atores estejam engajados no processo de transformação digital, contribuindo para o desenvolvimento de soluções que atendam às suas necessidades e expectativas.

5 Conclusões/Considerações Finais

O presente ensaio teórico buscou aprofundar a compreensão da interação entre bricolagem social e transformação digital no contexto das empresas sociais de saúde, demonstrando que a combinação dessas duas abordagens apresenta um potencial transformador para o setor. A bricolagem social, com sua ênfase na criatividade, adaptação e uso eficiente de recursos, se mostra fundamental para que as empresas sociais de saúde desenvolvam soluções inovadoras e eficazes para os desafios da saúde pública. A transformação digital, por sua vez, oferece um conjunto de ferramentas e recursos que podem potencializar as práticas de

bricolagem social, impulsionando a inovação e ampliando o alcance e o impacto dessas empresas.

A telemedicina, as plataformas digitais de saúde, os registros eletrônicos de saúde e as ferramentas de análise de dados são exemplos de tecnologias que podem ser utilizadas de forma estratégica para otimizar processos, ampliar o acesso aos serviços, melhorar a qualidade do atendimento e promover a participação dos stakeholders. No entanto, a implementação da transformação digital em empresas sociais de saúde também apresenta desafios, como a necessidade de investimentos em infraestrutura e capacitação, a garantia da segurança dos dados e a superação da resistência à mudança.

Apesar dos desafios, a combinação da bricolagem social e da transformação digital representa uma oportunidade única para as empresas sociais de saúde potencializarem seu impacto social e sua sustentabilidade financeira. Ao adotar uma abordagem estratégica e inovadora, essas empresas podem utilizar as tecnologias digitais para ampliar o acesso à saúde, melhorar a qualidade do atendimento e promover o bem-estar da população, especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais equitativo, acessível e eficiente.

O presente estudo, embora de natureza teórica, oferece insights valiosos para pesquisadores, gestores, formuladores de políticas e profissionais de saúde, incentivando a realização de pesquisas empíricas que investiguem os mecanismos e os impactos da combinação da bricolagem social e da transformação digital em empresas sociais de saúde. Além disso, o estudo destaca a importância de políticas públicas que apoiem a adoção da transformação digital por essas empresas, reconhecendo seu papel crucial na promoção da saúde pública e no acesso a serviços de qualidade para todos.

Em última análise, a bricolagem social e a transformação digital se apresentam como ferramentas complementares para que as empresas sociais de saúde possam cumprir sua missão de gerar impacto social positivo e contribuir para a construção de um sistema de saúde mais justo e inclusivo. A capacidade de inovar, adaptar e utilizar a tecnologia de forma estratégica é fundamental para que essas empresas superem as barreiras e alcancem seu pleno potencial, transformando a realidade da saúde pública e promovendo o bem-estar da sociedade.

No entanto, como em qualquer ensaio teórico, este trabalho possui suas limitações. A principal delas reside na natureza conceitual da pesquisa, que não se baseia em dados empíricos coletados diretamente do campo. Embora o referencial teórico seja fundamentado em estudos relevantes, a ausência de dados primários pode limitar a generalização das conclusões e a aplicabilidade prática das proposições teóricas.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos empíricos que investiguem a combinação da bricolagem social e da transformação digital em empresas sociais de saúde, buscando validar as proposições teóricas apresentadas e aprofundar a compreensão dos mecanismos e dos impactos dessa interação. Além disso, sugere-se a exploração de outros aspectos relevantes, como o papel da cultura organizacional e da liderança na adoção e implementação dessas abordagens, bem como os desafios éticos e regulatórios relacionados ao uso de tecnologias digitais no contexto da saúde.

Ao explorar a sinergia entre essas duas abordagens, o estudo lança luz sobre o potencial transformador da inovação social e da tecnologia para a construção de um sistema de saúde mais equitativo, acessível e eficiente.

Referências Bibliográficas

- Agarwal, R., Gao, G., DesRoches, C., & Jha, A. K. (2010). The digital transformation of healthcare: Current status and the road ahead. *Information Systems Research*, 21(4), 796-809.
- Ansoff, H. I. (1957). Strategies for diversification. *Harvard Business Review*, 35(5), 113–124.
- Baker, T., & Nelson, R. E. (2005). Creating something from nothing: Resource construction through entrepreneurial bricolage. *Administrative science quarterly*, 50(3), 329-366.
- Bense, M. (1947). Über den Essay und seine Prosa [About the Essay and its Prose]. *Merkur*, 1, 416-424
- Bojica, A. M., Ruiz Jiménez, J. M., Ruiz Nava, J. A., & Fuentes-Fuentes, M. M. (2018). Bricolage and growth in social entrepreneurship organisations. *Entrepreneurship and Regional Development*, 30(3–4), 362–389. <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1413768>.
- Boorstin, D. J. (1995). *Os criadores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calò, F., Teasdale, S., Donaldson, C., Roy, M. J., & Baglioni, S. (2018). Collaborator or competitor: assessing the evidence supporting the role of social enterprise in health and social care. *Public Management Review*, 20(12), 1790–1814. <https://doi.org/10.1080/14719037.2017.1417467>
- Carvalho, G. (2013). A saúde pública no Brasil. *Estudos Avançados*, 27(78). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000200002>
- Cooper, H. M. (1988). Organizing knowledge syntheses: A taxonomy of literature reviews. *Knowledge in society*, 1(1), 104-126.
- Dees, J. G. (1998). Enterprising nonprofits. *Harvard Business Review*, 76(1), 54–67.
- Defourny, J., & Nyssens, M. (2010). Conceptions of Social Enterprise and Social Entrepreneurship in Europe and the United States: Convergences and Divergences. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1(1), 32–53. <https://doi.org/10.1080/19420670903442053>
- di Domenico, M., Haugh, H., & Tracey, P. (2010). Social bricolage: Theorizing social value creation in social enterprises. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 34(4), 681–703. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00370.x>
- Duque, E. B. (2007, July 30). La empresa social y su responsabilidad social. 59–76.
- Fischer, R. M., & Comini, G. M. (2012). Sustainable development: from responsibility to entrepreneurship. *Revista de Administração*, 47(3), 363–369. <https://doi.org/10.5700/rausp1044>
- França Filho, G. C. de, Rigo, A. S., & Souza, W. J. de. (2020). A reconciliação entre o econômico e o social na noção de empresa social: limites e possibilidades (no contexto brasileiro). *Organizações & Sociedade*, 27(94), 556–584. <https://doi.org/10.1590/1984-9270948>
- Galera, G., & Borzaga, C. (2009). Social enterprise: An international overview of its conceptual evolution and legal implementation. In *The emergence of social enterprise* (pp. 213-240). Routledge.
- Gopal, G., Suter-Crazzolara, C., Toldo, L., & Eberhardt, W. (2019). Digital transformation in healthcare—architectures of present and future information technologies. *Clinical chemistry and laboratory medicine*, 57(3), 328-335.
- Hanelt, A., Bohnsack, R., Marz, D., & Antunes, C. (2020). A systematic review of the literature on digital transformation: Insights and implications for strategy and organizational change. *Journal of Management Studies*, 58(5), 1054-1095.
- IBGE. (2010). *Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE

Janssen, F., Fayolle, A., & Wuillaume, A. (2018). Researching bricolage in social entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 30(3–4), 450–470. <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1413769>

Johannisson, B., & Olaison, L. (2007). The moment of truth—Reconstructing entrepreneurship and social capital in the eye of the storm. *Review of Social Economy*, 65(1), 55–78. <https://doi.org/10.1080/00346760601132188>

Kerlin, J. A. (2006). Social enterprise in the United States and Europe: Understanding and learning from the differences. *Voluntas*, 17(3), 246–262. <https://doi.org/10.1007/s11266-006-9016-2>.

Lima, E., & Nelson, R. (2021). Social innovation, social bricolage, and brokerage after a disaster in córrego d'antas | Inovação e bricolagem sociais com intermediação após um desastre em córrego d'antas | Innovación y bricolaje sociales con intermediación después de un desastre en cór. *Revista de Administracao Publica*, 55(3), 594–624. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200123>

Macaulay, B., Roy, M. J., Donaldson, C., Teasdale, S., & Kay, A. (2017). Conceptualizing the health and well-being impacts of social enterprise: a UK-based study. *Health Promotion International*. <https://doi.org/10.1093/heapro/dax009>

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320-332.

Nadkarni, S., & Prügl, R. (2020). Digital transformation: A review, synthesis and opportunities for future research. *Management Review Quarterly*, 70, 239-308.

Newell, S., & Marabelli, M. (2015). Strategic opportunities (and challenges) of algorithmic decision-making: a call for action on the long-term societal effects of ‘datification’. *Journal of Strategic Information Systems*, 24(1), 3-14.

Peredo, A. M., & Chrisman, J. J. (2006). Toward a theory of community-based enterprise. *Academy of management review*, 31(2), 309-328.

Phillimore, J., Bradby, H., Knecht, M., Padilla, B., & Pemberton, S. (2019). Bricolage as conceptual tool for understanding access to healthcare in superdiverse populations. *Social Theory & Health*, 17(2), 231–252. <https://doi.org/10.1057/s41285-018-0075-4>

Powell, M., & Osborne, S. P. (2020). Social enterprises, marketing, and sustainable public service provision. *International Review of Administrative Sciences*, 86(1), 62–79. <https://doi.org/10.1177/0020852317751244>

Roy, M. J., Baker, R., & Kerr, S. (2017). Conceptualising the public health role of actors operating outside of formal health systems: The case of social enterprise. *Social Science & Medicine*, 172. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.11.009>

Roy, M. J., Donaldson, C., Baker, R., & Kay, A. (2013). Social enterprise: New pathways to health and well-being. *Journal of Public Health Policy*, 34(1), 55–68. <https://doi.org/10.1057/jphp.2012.61>

Servantie, V., & Rispal, M. H. (2018). Social bricolage in networks: A new approach to social innovation. *Journal of cleaner production*, 177, 872-882.

Souza, G. C. de A., & Costa, I. do C. C. (2010). O SUS nos seus 20 anos: reflexões num contexto de mudanças. *Saúde e Sociedade*, 19(3), 509–517. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000300004>

Turpin, A., Shier, M., & Scowen, K. (2021). Assessing the Social Impact of Mental Health Service Accessibility by a Nonprofit Social Enterprise: A Mixed--methods Case Study. *Canadian Journal of Nonprofit and Social Economy Research*, 12(1). <https://doi.org/10.29173/cjnser.2021v12n1a378>

Verhoef, P. C., Broekhuizen, T., Bart, Y., Bhattacharya, A., Dong, J. Q., Fabian